

FLUENCIA

REVISTA
DIGITAL

Um
universo
em minha
casa

Um convite para
olhar lá fora.

Edição n.º1 Dezembro Ponta Grossa, Pr

Índice



Apnéia vitoriosa em gramado

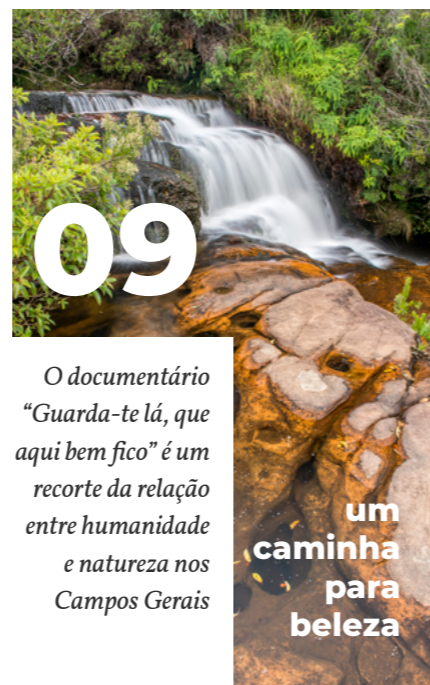
O curta-metragem paranaense *Apneia* levou o principal Kikito da sua categoria, e representou a força do cinema paranaense



07 | O caminho da saudade

15 | Para novos caminhos da profissão musical em PG, uma nova OMB.

21 | Não perca a Estação de vista



O documentário "Guarda-te lá, que aqui bem fico" é um recorte da relação entre humanidade e natureza nos Campos Gerais

um caminha para beleza

25 | Um espaço para nosso patrimônio

27 | Um dia para os bateristas

29 | O palco da música autoral



A água encontra Monalisa

O Museu do Louvre recebeu no mês de outubro a obra do artista paranaense Marcelo Pszybylski



Qual é a grandeza do Fenata?

A grandeza do festival de teatro *ponta-grossense* pode passar despercebida.

Acompanhe a Fluência

@RevistaFluencia
/RevistaFluencia
www.fluencia.art.br
42 9 9914 4647

Aproveite, faça parte, divulgue sua arte ou o seu negócio!

contato@fluencia.art.br
42 99914-4647

37 | Procura-se cronistas talentosos

39 | A mesa redonda dos quadrinhos

41 | 2ª Parada LGBT+ dos Campos Gerais celebra o amor e luta por igualdade

43 | Direitos autorais para artistas criativos

Dezembro de 2019
Edição nº1

Daniilo Gabriel
Direção Executiva
Edição
Redação

Cesar P. Andrade
Direção Editorial
Ilustração
Edição
Redação

Giovanni Otavio
Direção de Arte
Projeto Gráfico
Diagramação
Capa

Tiago Souza
Web Design
Programação

Mayara Pontes
Colaborações Textuais

Sérgio Falcão
Colaborações Textuais
Contato Revista
Editora Fluência

contato@fluencia.art.br
redacao@fluencia.art.br
criacao@fluencia.art.br
Administração: R. Frederico Bahls, 309
AP. 21 - Centro | Ponta Grossa, PR



A produção desta Revista resultou na emissão de aproximadamente 0,963 tCO2 (toneladas de carbono), sendo zerado pela plantação de 3 árvores (em um ano).

Saiba mais na próxima edição.

Realização

FLUENCIA



Rede em Foco

Projeto selecionado pelo concurso para seleção de projetos de arte visuais



ARTE
**NOS
MO-
VE**

fluencia

Orgulho

da excentricidade



Como costuma acontecer com os clichês, o papo de que a internet quebra o espaço e o tempo é uma verdade indiscutível. Contudo, embora realize tal façanha, ela é incapaz de romper a barreira do nosso passado, das nossas raízes. Essa é uma dimensão bem mais difícil de atravessar, pois não é fixa à matéria, mas vive na memória humana, inatingível senão pela linguagem. Ouso até dizer que a internet, com toda sua velocidade, códigos e inteligência artificial, dobra-se à tradição.

Aonde quero chegar? Bem, falo isso porque já se tornou uma rotina para mim: abro uma rede social e me deparo com um meme, uma imagem, vídeo ou mídia qualquer que mostra ao mundo mais um ato inusitado do Paraná. Melhor ainda quando se trata de Ponta Grossa. É sócia de Sylvester Stallone, cavaleiro medieval na Vicente Machado, banheiro transparente, cachorra que anda pilchada em cima de cavalo encilhado, bêbado domando touro de mentira e muitos outros fenômenos espetaculares. Em outro tempo, tudo seria absolutamente normal, uma vez que não teríamos

tantas oportunidades de compararmos a outros povos. Com acesso ao mundo digital, sabemos como nos veem. Perto de outros brasileiros, curiosamente mais comedidos no comportamento, nosso jeito de ser é ressaltado, e tudo o que nos é peculiar se torna mais evidente, característico e digo até brilhante. Agora, com a internet, nossas nuances estão expostas para todo Brasil - e o mundo!

O crítico literário Wilson Martins já traçou as razões da nossa distinção no seu clássico - fundamental para a nossa história - "Um Brasil Diferente". Lá ele diz que o Paraná é... um Brasil diferente. A explicação pode ser simples: enquanto os outros estados tiveram como base étnica e cultural, além da matriz indígena e africana, o sangue português, o nosso estado nasceu a partir de um mix de poloneses, ucranianos, italianos, alemães, russos... Não é de se espantar que, na era da internet, e graças ao site de humor Não Salvo, o Paraná se tornou... a Rússia Brasileira. Para o "internauta", o paranaense é tão peculiar que lembra o povo excêntrico mais famoso até então. Sim, quando o assunto é

comportamento, batemos de frente com o maior país do mundo.

O que podemos tirar disso? Orgulho. Somos, sim, um Brasil diferente, e Ponta Grossa exerce um papel especial no caldeirão de culturas que é nossa gênese. O que para os outros pode ser uma incógnita, para nós é way of life. O que para eles é bizarrice, para nós é cotidiano. O que para eles é a loucura de um indivíduo esquisito, para nós é só nosso vizinho. E se para eles somos a Rússia Brasileira, para nós somos nós mesmos, ué. E temos o prazer e a honra de habitar um berço lindo e acolhedor, o qual nunca me canso de exaltar como um parnasiano apaixonado e bairrista.

Se for para atrair novos olhares, que venham mais memes e virais. O que nos caracteriza é a particularidade de sermos, a um só tempo, colono e cosmopolita. E aí está a razão para minha digressão do início: podemos estar mergulhados na internet até o pescoço, com câmeras nos registrando e nos veiculando automaticamente para o mundo digital, mas a complexidade das nossas raízes é intransponível.

- Cesar P. Andrade

O caminho da saudade

Casal de quadrinistas ponta-grossenses são nomeados a prêmios nacionais por sua graphic novel "Saudade"

Quando resgataram um cachorro de rua, Melissa Garabeli e Phellip William não podiam imaginar que seriam reconhecidos por eternizar a história inspirada no fato. Saudade é a graphic novel do casal sobre a chegada de um cão em uma família abalada por um trauma. Como acontece em muitos casos reais, a integração do animal à família altera o ambiente, tornando a convivência mais agradável.

Desde que foi publicado, Saudade chama a atenção pela qualidade. O dom do casal em contar a história, combinado com os delicados traços de Melissa, fizeram com que a obra fosse reconhecida nacionalmente.

Chegaram, inclusive, entre os últimos indicados ao prêmio Jabuti, o maior de literatura no Brasil. A princípio eram mais de 2 mil inscrições, de 112 selos editoriais, e com 57 jurados para avaliar a qualidade das obras.

Além do Jabuti, Saudade foi indicado para o HQmix, o maior prêmio do país sobre quadrinhos. Concorreu em duas categorias, como Melhor Quadrinho Independente de Edição Única e Novo Talento Desenhista, que garantiu o prêmio a Melissa. Já no prêmio Angelo Agostini, Saudade levou melhor Quadrinho Independente, além de garantir a indicação de Melissa como Melhor Colorista.



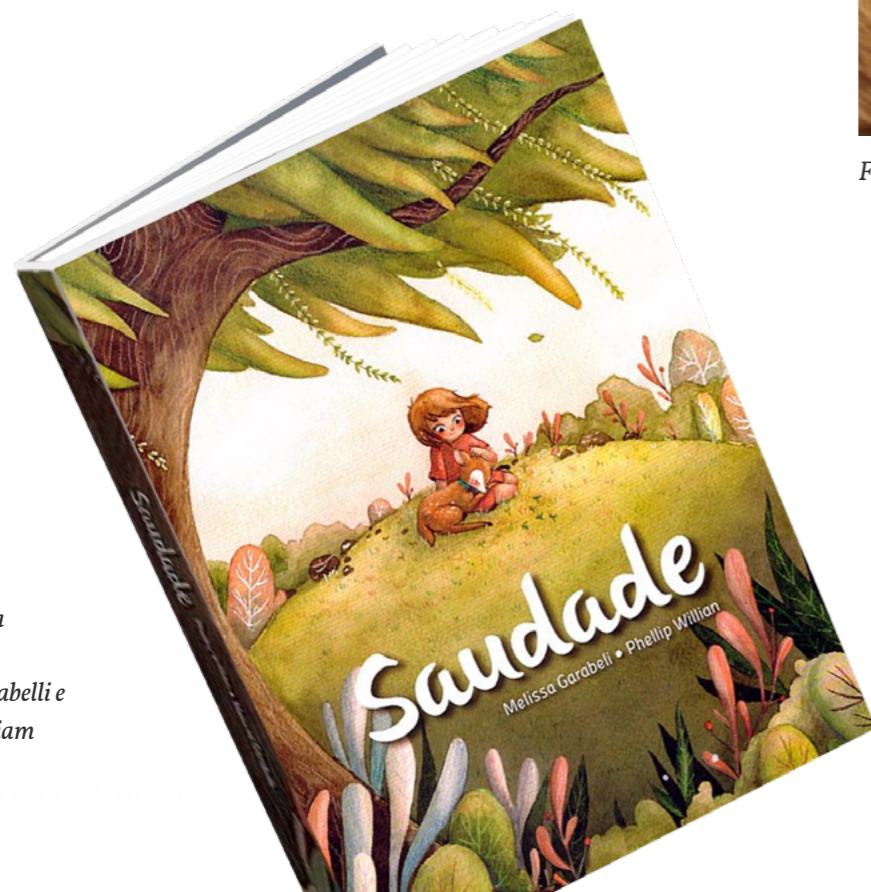
Foto Alisson Santos

Arte Coletiva

Saudade só saiu graças ao apoio do público. Através de uma proposta de financiamento no Catarse, site de financiamento coletivo, o casal conseguiu mais de R\$ 40 mil. Por isso, puderam entregar um projeto editorial mais bem feito, com acabamento caprichado.

A obra de Phellip e Melissa possui detalhes que chamam a atenção mesmo de quem não costuma ler graphic novels. Toda desenhada e colorida a mão, Saudade possui uma estética suave, carregada de afeto, como um sentimento verdadeiro do artista.

Se a matéria-prima para o artista é a própria vivência humana, Melissa Garabeli e Phellip William possuem o olhar necessário para criar essas obras. Saudade é uma amostra do



Ficha técnica
Saudade
Melissa Garabeli e
Phellip William
144 páginas



Um caminho para a beleza

O documentário “Guarda-te lá, que aqui bem fico” é um recorte da relação entre humanidade e natureza nos Campos Gerais

Entre os municípios de Castro e Tibagi temos o Cânion Guartelá, o resultado de uma evolução geofísica de 133 milhões de anos. Para os cientistas, uma prova da existência passada da Pangeia, um monumental registro paranaense da separação ocorrida entre América do Sul e África. Para os guartelanos, um lar que exige cuidado e preservação.

A síntese entre o olhar científico e o dos moradores é contada pelo documentário Guarda-te Lá, que aqui bem fico, de Maurício M. Pereira. Realizado pela produtora Guartelá Filmes, a produção foi, antes de tudo, um trabalho de conclusão de curso. Hoje, porém, falamos de um curta premiado, que levou os prêmios de Melhor Documentário e Melhor Direção de Fotografia no Festival de Cinema Universitário Tainha Dourada. Além disso, o filme havia sido indicado para mais três categorias: Melhor Direção, Melhor Roteiro e Melhor Áudio.

Com imagens que nos transportam para dentro do Cânion e uma fotografia precisamente montada, Guarda-te lá é também um registro antropológico. Cada depoimento dos moradores evidencia a intensa ligação dos guartelanos com a terra. É, portanto, um filme sobre natureza, mas puramente humano. ma, a discotecagem 100% em vinil com Disconecte, Live Paint com Tatá Tóti e exposição de fotos de Mirna Bazzi.



A arte como um convite

O Cânion Guartelá possui características que impressionam turistas, nativos e estudiosos. Portanto, muito oportunamente, Guarda-te lá nos convida a revisitar os Campos Gerais e descobrir as peculiaridades do maior cânion do Brasil.

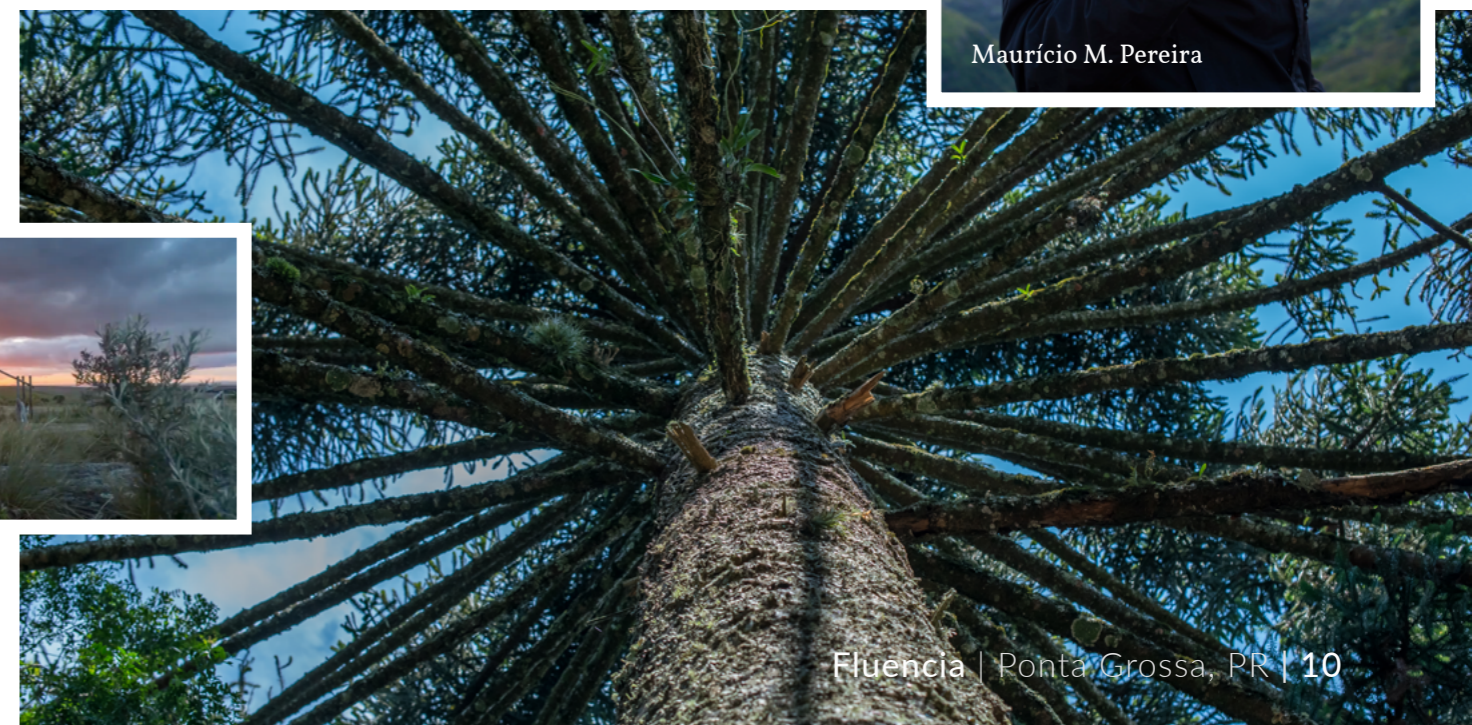
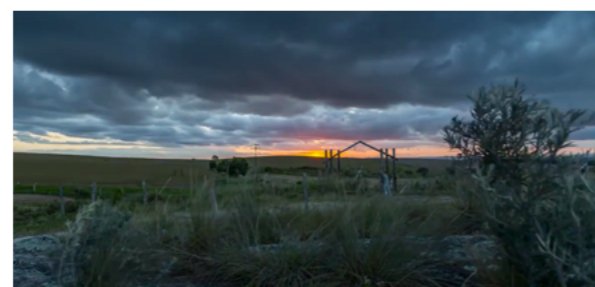
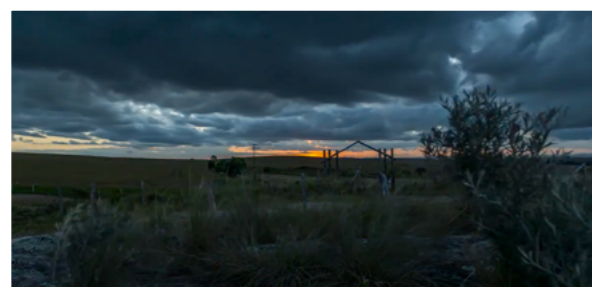
São mais de 30 km de extensão, adornados por belíssimas fauna e flora, lindas paisagens, campos, arenitos, cachoeiras, lapas e até mesmo arte rupestre, da qual foram encontradas duas tendências. Nosso cânion possui um riquíssimo acervo arqueológico que resguarda a vegetação mais antiga do estado.

O filme evidencia como os moradores locais gozam da harmonia com o ambiente, tal como já experimentaram seus antepassados. Assim como os indígenas, que já viviam ali há mais de 7 mil anos, os guartelanos entendem a vida como uma necessária ligação com a natureza.

Com uma estética que busca sempre atingir o belo, Guarda-te lá humaniza a terra e demonstra como a beleza é, também, um caminho para nos conectarmos com o que temos de mais rico.



Maurício M. Pereira

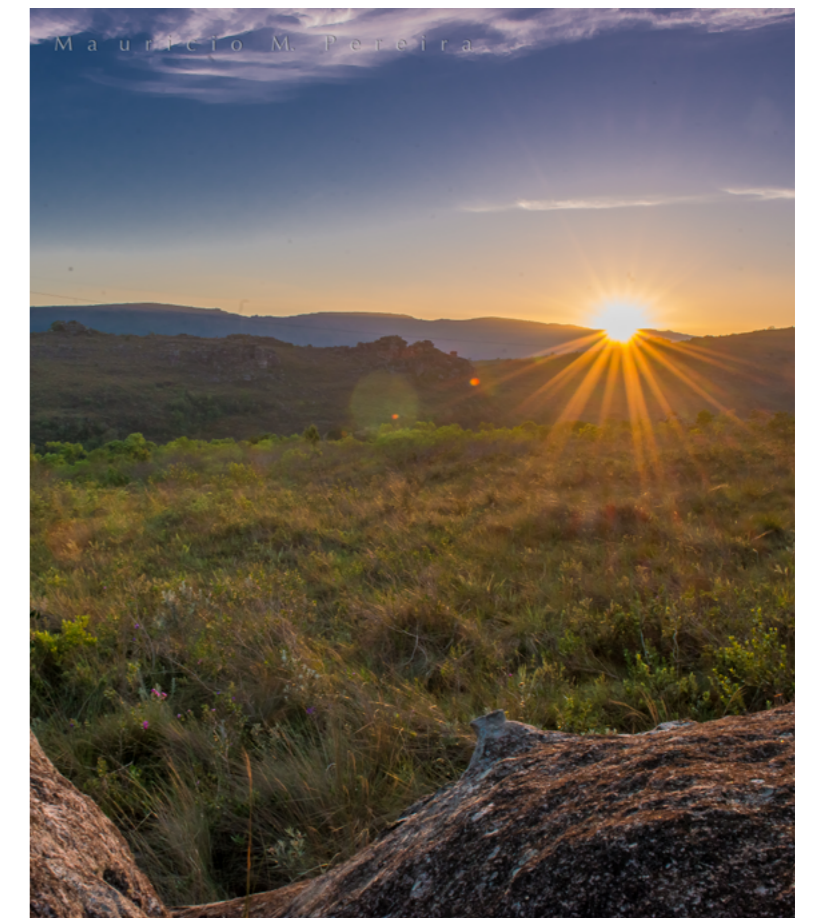




“
Guarda-te lá, que aqui bem fico.
”

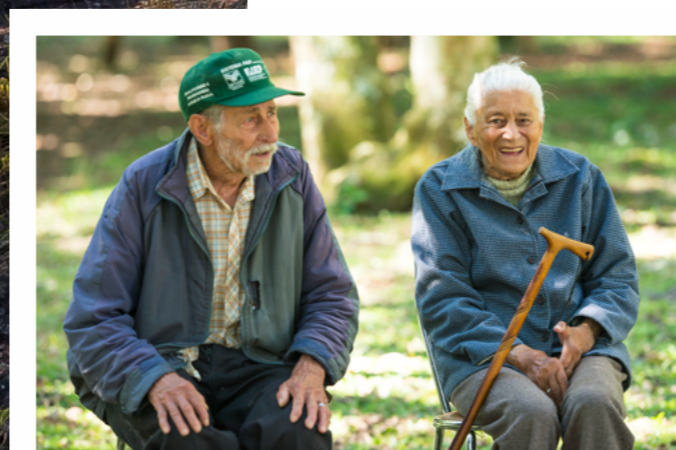


*Amanhacer no
Cânion Guartelá*



Maurício M. Pereira

*Making off
do documentário
Guarda-te lá, que
aqui bem fico*



CINEMA

Apneia vitoriosa em Gramado

O curta-metragem paranaense *Apneia* levou o principal Kikito da sua categoria, e representou a força do cinema paranaense



Foto: Edison Vara / Agência Pressphoto



O 47º Festival de Gramado trouxe agradáveis notícias para o cinema paranaense. A animação curitibana *Apneia* venceu a categoria Melhor Curta-Metragem Brasileiro, um dos mais importantes do festival.

O curta de Carol Sakura e Walkir Fernandes demonstra, pelos olhos de uma criança, a convivência com profundos traumas psicológicos. Com duração de 15 minutos, a animação em 2D trabalha metáforas verbais e visuais que expressam a relação que a protagonista tem com o mundo.

De acordo com Sakura, o texto de *Apneia* nasceu para ser uma história em quadrinhos. Porém, devido à riqueza metafórica da ideia original, a autora decidiu transformá-lo em filme. Um curta permitiu, então, que ela explorasse os desdobramentos psicológicos da personagem de maneira mais intensa.

Mergulhando no medo

O ponto de partida de *Apneia* é o medo de nadar enfrentado pela garotinha Muriel. Distante da mãe e traumatizada pelo padrasto, ela desenvolve transtornos que a impedem de enfrentar o trauma. Ao mergulhar em suas próprias dores, a garota passa a entender a importância de emergir da situação.

O curta de Carol e Walkir discute traumas focando, especificamente, na dificuldade de expressar sentimentos. Para a autora, a narrativa demonstra como os traumas desenvolvem o medo de falar e de contar, de forma crua, a razão das dores e fobias mais profundas.

O filme possui o toque autobiográfico que faz as excelentes obras parecerem mais próximas da nossa realidade. *Apneia* é uma animação com delicadas cores e traços e, ao mesmo tempo, com uma força expressiva que inquieta. Por meio de um olhar infantil, vemos a profundidade da mente humana.

Apneia é a primeira produção dirigida por Carol Sakura. Produzido por E.M.Z. Camargo, em parceria com a Dogzilla Studio, o curta-metragem saiu vitorioso ainda nos festivais Animatiba, Anima Mundi e Guarnicê, além de ter sido premiado pelo Canal Brasil.

Sakura também produziu *The Big Little One*, que levou o prêmio no CinemAmbiente Festival e Green Nation Fest 2012. Seu parceiro de produção, Walkir Fernandes, dirige as séries animadas *On the Job* e *Mu & Moscovis*, para Playkids. Além da experiência em animação e curtas-metragens, Walkir já trabalhou com longas e séries de TV, e cofundou a Dogzilla Studio.



Ficha técnica:
Apneia
Carol Sakura,
Walkir Fernandes
E.M.Z. Camargo e
Dogzilla Studio

Para novos caminhos da profissão musical em PG, uma nova OMB.

A lei nº 3.857 de 22 de dezembro de 1960, que cria a Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico em todo território nacional, tinha finalidade que estava em consonância ao seu tempo, de pré-ditadura militar. Vinha suprir um anseio muito mais elitista de nossa cultura, considerando aspectos que cerceavam e, por vezes, até sufocavam as manifestações populares, em favor ao estudo musical erudito, de origem europeia. Historicamente alheia às necessidades de milhares de músicos e musicistas, as consequências não poderiam ser outras: a instituição, nacional e regionalmente, se afundou num mar de corrupção, não só extorquindo quem precisava do registro, com taxas abusivas, como agindo de forma arbitrária nas mais variadas manifestações artísticas, comumente impedindo apresentações, e chegando ao extremo de confiscar instrumentos musicais. Foram mais de 50 anos

de mandos e desmandos, nos mais perfeitos moldes absolutistas que tradicionalmente idealizam e deturpam a arte, promovendo inclusive perseguições à artistas que não se enquadrassem ou não se sujeitassem aos moldes pretendidos.

Por conta desse histórico, é totalmente compreensível que a classe musical tenha repulsa dessa instituição. Afinal, um órgão que não nos traz benefício algum, somente marginaliza e onera cada vez mais os músicos e as musicistas, não pode nos representar. Todo esse péssimo histórico levou à beira da extinção da OMB, mediante incontáveis confrontos judiciais que colocou seus representantes do alto escalão no banco dos réus.

Tendo consciência de todos esses aspectos, o desafio de reformular radicalmente a OMB ficou a cargo do músico profissional e atual presidente da Ordem dos Músicos do Brasil – Conselho Federal, Gerson

Tajes, integrando, aqui do Paraná, como presidente da OMB – Conselho Regional do Estado do Paraná, o músico e produtor artístico Gabriel Elvas. Aliás, agora a instituição encontra-se somente na mão de músicos, minimizando o uso de suas atribuições para politicagem e/ou corrupção. Em sua reconfiguração, a OMB tem como orientar o benefício pleno de nossa categoria. Para isso, adotou o formato de categorias para os mais diferentes tipos de músicos e musicistas profissionais, desde o totalmente prático, que não trabalha com o sistema de notação musical padrão, até o músico e a musicista com nível superior, que, democraticamente, tem o mesmo peso para a instituição, seja no canto, na percussão, no violão, no piano, na guitarra, no saxofone, etc. Em qualquer categoria será considerado um profissional da música, com chancela pela OMB.

A nova gestão da OMB continua com o objetivo de amparo e legitimação da profissão musical. Porém, dá total apoio e respeito à todas as manifestações artísticas, musicais ou não. Existem órgãos, como estúdios, organizações governamentais e

privadas que utilizam o registro no quadro da Ordem dos Músicos do Brasil como critério de contratação. De fato, portar o registro da OMB garante, para esses órgãos, a contratação de um profissional da música. Seu intuito é esse. Mas a OMB não exige essa postura dos potenciais contratantes da música. Os que assim fazem, se dá pelo fato de reconhecerem a importância do registro para o ofício pretendido, onde normalmente se espera que o profissional tenha comprovada técnica e destreza para executar o trabalho à contento.

Vale citar que a Ordem dos Músicos do Brasil não tem atribuições de sindicato. Portanto, não cabe à OMB tabelar valores pretendidos de cachê, bem como a fiscalização das condições de trabalho que os músicos estarão expostos. Por isso, é fundamental uma movimentação política suprapartidária, para que cada município ou região tenha seu sindicato/associação que represente de maneira legítima os músicos e as musicistas para a comunidade civil e para os órgãos legais de justiça, com total apoio da Ordem dos Músicos do Brasil.



Texto feito por Sérgio Falcão

Músico profissional e professor. É formado em Licenciatura em Música pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. É o representante e examinador da Ordem dos Músicos do Brasil – Conselho Regional do Paraná – OMB-CRPR, para Ponta Grossa e região.

Para começar a falar da cerveja ponta-grossense

Ponta Grossa possui tradição cervejeira, e hoje é um polo do setor, abrigando de multinacionais a microcervejarias artesanais.



As cervejas da nossa cidade são um patrimônio, um produto importante para a economia local e um atrativo ao turismo. Para entrarmos no assunto, é preciso de um breve histórico de como Ponta Grossa entrou na rota cervejeira do Brasil.



Tudo começou...

Nas últimas décadas do século XIX, o Império do Brasil tinha uma estratégia para promover o desenvolvimento do país: trazer novos habitantes. Como o país precisava se manter competitivo e investir em formas de abastecimento da população, era preciso ir atrás de mão de obra e técnicas que não tínhamos.

Essa história é conhecida e está diretamente relacionada ao fato de você ter tomado uma cerveja artesanal naquele evento ocorrido no Parque Ambiental. Vamos explicar.

Por volta de 1870, chegavam, então, alemães, poloneses, holandeses e muitos outros imigrantes para trabalhar no setor agrícola. A Europa detinha as mais avançadas técnicas e ferramentas de cultivo, e era fundamental para nós. Com novos trabalhadores capacitados, era o incentivo para o crescimento.

Na bagagem esses imigrantes traziam, claro, toda sua cultura e hábitos alimentares. E os europeus do norte, acostumados a tomar bebidas locais na sua terra, sabiam que precisavam criar... cerveja!

O primeiro passo

Após os primeiros anos de atividade agrícola, muitos colônos decidiram que havia um caminho mais próspero. Com o crescimento das cidades, havia grande demanda por mão de obra nos mais variados setores. Assim, diversos imigrantes decidiram, então, abandonar o trabalho no campo para ir para a vida urbana.

Uma das atividades pouco exploradas era a confecção de bebidas. E a ausência de cervejeiros era uma oportunidade que poderia render bons frutos. Foi o italiano Francisco Gioppo o primeiro a conseguir alvará para explorar a demanda. Ao notar que matéria-prima era fácil, decidiu ir até a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa para solicitar a abertura de uma fábrica de cervejas. O ano era 1903.

Não se tratava de uma pequena fábrica, pois ele queria a produção em larga escala. Gioppo queria uma fábrica com características artesanais, mas que pudesse suprir uma grande demanda.

A provável primeira fábrica

Embora Gioppo seja considerado o pioneiro no ramo cervejeiro, há quem diga que a primeira fábrica a produzir cerveja comercialmente surgiu, na verdade, em 1882. Segundo o historiador Manoel Cyrillo Ferreira, na obra *Miscelâneas da História de Ponta Grossa*, o primeiro cervejeiro foi Frederico Lorgues. No entanto, Lorgues não conseguiu ter sucesso, e por isso o empreendimento também não teve vida longa.

Ferreira menciona ainda a Cervejaria Oceana, que foi administrada por Guilherme Metzenthim. Carlos Schethler era outro cervejeiro a tentar produzir cerveja no século XIX, bem como a Fábrica Grossel, que nasceu em Curitiba e ganhou uma filial pontagrossense em 1894.

É tido como um fato, porém, que Francisco Gioppo foi o primeiro a conseguir registro de alvará para atuar comercialmente. Os dados sobre as fábricas antecedentes provam que a atividade de produzir cerveja era puramente doméstica. Os imigrantes europeus trouxeram suas receitas, e a princípio só criavam suas bebidas em casa. Só depois transformaram o ato em atividade rentável para o público. As atividades cervejeiras são, portanto, um bem patrimonial que compõe a identidade pontagrossense.



Foto Reprodução



Fase da Adriática

Com o reconhecimento da fábrica de Gioppo, aliada à terra produtiva e experiência técnica, novos investidores entenderam que Ponta Grossa oferece um bom ambiente para produção de cervejas. Assim, em 1906, a Família Thielen, liderada por Henrique Thielen, chegava à cidade para atuar também no ramo cervejeiro e trazer uma nova marca para os pontagrossenses.

Henrique Thielen fundou a Fábrica Adriática de Cervejas, uma filial da Cervejaria curitibana Grossel. Devido às burocracias da época, ele só teve a liberação para atuação do funcionamento em 1927, 21 anos depois. Com a documentação pronta, a cervejaria Adriática saía da informalidade.

A Adriática se tornou um símbolo da industrialização de Ponta Grossa, e até hoje a cerveja é lembrada por seu passado, não só na cidade mas por todo o país. A cervejaria ainda existe, mas hoje pertence à cervejaria Ambev, que relançou a Adriática nacionalmente famosa, a cerveja Original.



A terra da cerveja

Ponta Grossa hoje goza de um título para dar orgulho, o de terra da cerveja. Aqui concentram-se produtores de todas as matrizes, dos locais aos estrangeiros, das pequenas fábricas artesanais às multinacionais, dos produtores que aprenderam com o pai, aos que ingressaram no ramo por escolha própria.

Temos, aqui, oito cervejarias artesanais e duas multinacionais, as maiores produtoras de cerveja do mundo. Por isso, além da tradicional München Fest, Ponta Grossa investe em meios de intensificar o setor cervejeiro e atrair investimentos e turistas. Um exemplo é a Rota da Cerveja, um excelente assunto para uma próxima edição.

ESPAÇO

Acervo Fundação
Municipal de Cultura

O RESSURGIMENTO

Não perca a Estação de vista

De armazém a acervo de arte. Como a Estação Arte se tornou um ponto de referência para cultura ponta-grossense.

Em 1896, a gestão da RFFSA - Rede Ferroviária Federal S/A decidiu construir um depósito de cargas em Ponta Grossa. O Armazém da Estrada de Ferro do Paraná seria utilizado para armazenar e estocar produtos e materiais advindo de países estrangeiros.

Porém, logo na primeira década do século XX o armazém passou por uma situação traumática: incêndio. Por isso, o depósito precisou ser reformado em 1910, quando ganhou uma estrutura reforçada, feita de alvenaria, material bem mais vantajoso já nessa época.

Novamente estruturado, o armazém da RFFSA teve uma longa vida suprindo trabalhadores e maquinários de transporte do estado. Depois de atuar durante mais de 70 anos, seu fim foi decretado. Ao menos a utilização da estrutura, uma vez que as atividades seriam transferidas para o bairro de Uvaranas.

Nos anos 90, uma nova função para o armazém foi encontrada. Entre 1996 e 2007, diversas atividades culturais passaram a ser concentradas no espaço, uma vez que, pela localização estratégica, o antigo armazém oferecia grande ajuda para os divulgadores culturais. O projeto cultural durou 11 anos, até que, em 2008, o Mercado da Família foi instalado tendo em vista a comercialização de produtos de baixo valor para pessoas mais necessitadas.

Após alguns anos de atuação, o Mercado da Família muda de lugar, e então, em 2014, a Estação Arte é reativada. O objetivo era ter um espaço para as obras do acervo municipal, como prêmios artísticos de aquisição, os que são obtidos

mediante uma recompensa em dinheiro para o artista. O acervo também passou a contar com doações de arte, embora em menor número.

Durante o último ano a Estação Arte funcionou com exposições artísticas e demais atividades culturais. Recentemente, além de concentrar o acervo municipal, a Estação Arte passou a promover oficinas, como a de aulas de pintura para terceira idade, que ocorreu em abril de 2019, por exemplo.

Em novembro, a Prefeitura, por meio da Secretaria de Indústria, Comércio e Qualificação Profissional (SMICQP), anunciou a criação da Escola de Qualificação Profissional no espaço da Estação Arte. O

objetivo é oferecer cursos gratuitos e palestras para a comunidade, tendo em vista o preenchimento de vagas no mercado de trabalho.

Hoje a Estação Arte é centenária, e ao longo dos anos abrigou as mais variadas atividades. De depósito de recursos férreos à qualificação profissional, passando, sempre, pela divulgação artística e cultural. Se temos algo para aprender com sua história é que nunca devemos perdê-la de vista, sob o risco de deixar passar parte da riqueza cultural ponta-grossense.

*Estação Arte
Av. Benjamim Constant, 404 - ao lado da Estação Paraná, no Parque Ambiental Manoel Ribas, próxima ao Terminal Central.*

A águia encontra Monalisa

O Museu do Louvre recebeu no mês de outubro a obra do artista paranaense Marcelo Pszybylski

Liev Tolstói (1828-1910) é autor de uma daquelas frases que são convincentes sem precisar mencionar as razões. O escritor russo disse: “Se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia”. Para um artista, começar por pintar a própria aldeia não é questão de escolha, mas um fato natural e inevitável.

Marcelo Pszybylski é um artista plástico que há anos vêm trabalhando na “aldeia” de Fazenda Rio Grande, região metropolitana de Curitiba. Este ano, ele vive um dos momentos mais importantes da sua carreira. Em 2019 ele atravessou os limites geográficos da sua aldeia.

A jornada começou quando Marcelo procurou o embaixador da Academia de Artes e Cultura de Paris em Curitiba para propor parcerias em projetos sociais para crianças. Embora o embaixador ter afirmado que não poderia ajudá-lo nisso, convidou-o para expor no Carrossel do Louvre. Chegara a hora de ser universal.



Foto: Reprodução

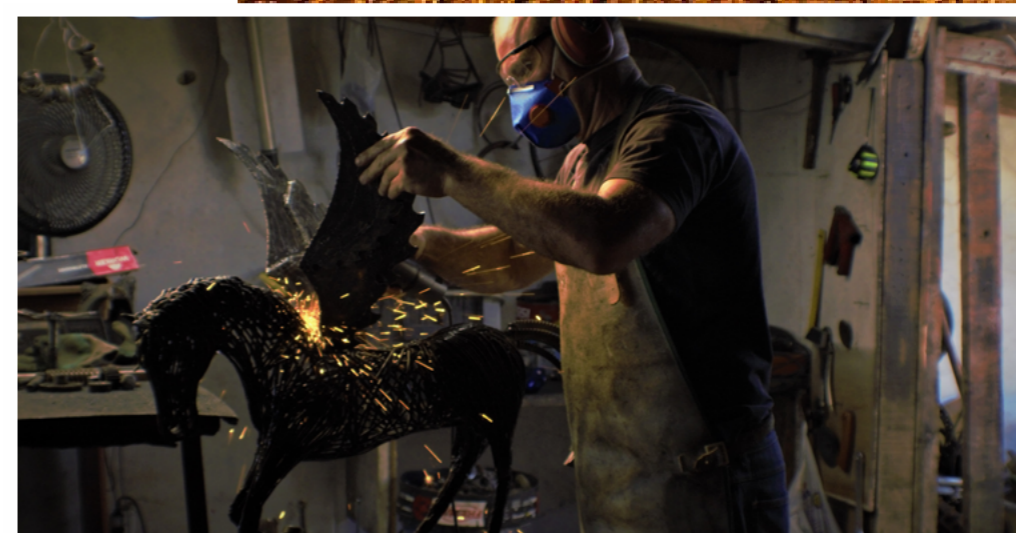
A arte local é universal

O público que passou pelo maior museu do mundo em outubro pôde ter contato com a obra do artista de Fazenda Rio Grande, e, através dela, com a vivacidade do seu material bruto transformado em sublime. Com pregos, vergalhões e outro material descartado, Marcelo convida-nos para olhar de uma nova maneira para o lixo.

O escultor cria esculturas há mais de 20 anos, buscando iluminar e transcender a matéria-prima reciclada. Com filosofia de trabalho voltada para a sustentabilidade, sua obra une criatividade e poesia sublimando o dom da regeneração.

A arte conecta artistas e públicos através do espaço e do tempo. Um artista deseja, antes de tudo, comunicar, e quando seu trabalho rompe os limites do seu vilarejo um dos objetivos foi alcançado.

Ao levar a obra para o Louvre, o artista vivenciou esse sentimento. Monalisa conheceu a Águia Rei, a escultura de material reciclado que poderia muito bem ser símbolo da obra de Pszybylski, como uma fênix que transforma a morte em nova vida.



Um espaço para nosso patrimônio

Você sabia que Ponta Grossa tem 60 imóveis tombados? Conheça as obras artísticas mais relevantes de Ponta Grossa? Agora você pode descobrir tudo em casa mesmo.

Imaginar o que está enquadrado dentro do nosso patrimônio é quase impossível. Afinal, o patrimônio compreende tanto cultura material como a cultura intangível, em suma, tudo o que merece ser preservado ou apenas guardado na memória. Então, como guardar essa memória?

Por sorte, era digital pode ser uma excelente aliada nessas horas. Em época de “computação em nuvem”, armazenar informações importantes online é quase uma obrigação. Com a internet estamos bem servidos para guardar tudo aquilo que pode ser utilizado de maneira digital. Por isso, a Fundação de Cultura de Ponta Grossa lançou o portal PatrimônioPG, onde serão centralizadas todas as informações referentes ao passado e presente cultural da cidade.

O idealizador do projeto e também diretor do Patrimônio da Fundação de Cultura é Alberto Portugal. Para ele, precisamos olhar mais seriamente para o passado, buscando atualizar o site constantemente. É um trabalho em equipe que exige, sobretudo, sugestões para a criação de mais conteúdo.



Acervo Fundação Municipal de Cultura

O site já possui mais de 800 páginas, e o objetivo é facilitar o acesso através de QR Code. Em lugares distintos do patrimônio ponta-grossense serão aplicados códigos para que desperte o interesse do transeunte pela cidade. Ao aproximar o celular do QR Code, ele irá ter rapidamente todas as informações referentes ao ponto.



Edifício da Proex



Regente Feijó



Estação Saudades



Colégio Sant'ana



Sociedade Espírita Francisco de Assis

Pioneirismo

Levando em consideração que o armazenamento online não é recente, a ideia de centralização do patrimônio ainda não é praticada pelos governos. Ponta Grossa é pioneira na utilização do meio digital nesse sentido.

No portal é possível encontrar um catálogo de informações sobre o patrimônio imaterial, como obras de arte, imóveis tombados e inventariados, assim como imaterial, ou seja, fatos culturais, tradições e costumes. Com o Sistema de Informações do Patrimônio Cultural de Ponta Grossa, chegar a essas informações será muito mais ágil.

Com um bom acervo digitalizado, a população tem motivos para utilizar tais informações, seja para a partir delas criar novos trabalhos e projetos, seja apenas para conhecer um pouco mais sobre a riqueza cultural de Ponta Grossa.

Para saber tudo sobre o patrimônio Ponta Grossa acesse:

Acesse www.patrimoniopg.com

UM DIA PARA OS BATERISTAS



Dia 15/12 será dedicado para os bateristas fazerem barulho... juntos.

Uma só bateria pode conduzir uma banda pelo tempo adequado da música. E o que fariam 100 baterias? Essa é a meta de Ricardo Matioda, que organiza o Batera's Day. Ele pretende que, em 15 de dezembro, centenas de bateristas se reúnam no Parque Ambiental para tocar juntos um repertório selecionado. Matioda, que é professor e músico, acredita que o evento é uma oportunidade de reunir diferentes músicos, com experiências diferentes, para tocarem juntos.

A ideia não é nova. No exterior frequentemente são organizados diversos eventos para os bateristas tocarem juntos. Aqui em Ponta Grossa a reunião também já aconteceu. Em 2015, 45 bateristas tocam juntos, e no ano seguinte, 2016, foram 70 músicos. A meta para 2019 é ultrapassar a centena, atingindo, talvez, o número de 120 músicos.

Em relação ao repertório, Matioda diz que provavelmente será rock n'roll, não pela preferência do músico, mas pela proximidade do gênero com o público e a facilidade na execução. O estilo do rock é acessível mesmo para bateristas iniciantes, e alguns clássicos são conhecidos por todos.

Foto Fernando Assis



O palco da música autoral

Com uma nova roupagem, projeto Palco B retoma gravações ao vivo no Cine-Teatro Ópera

A variedade de ritmos e estilos que é encontrada na música atual também pode ser medida pela versatilidade da programação de um projeto que retomou seu lugar ao sol neste ano em Ponta Grossa. O Palco B, criado pela Fluencia e agora realizado em parceria com a produtora Luneta Experiências Culturais, ganhou um novo formato nesta temporada, ampliando seus horizontes.

As gravações agora são realizadas ao vivo e com a presença de público, o que confere ainda mais autenticidade aos trabalhos registrados. O projeto mantém seu formato de session, com cenário contemporâneo e acolhedor. Em cada apresentação são gravadas cinco composições de cada banda, que depois de um rico trabalho de edição são disponibilizadas ao público em redes sociais e canais parceiros, com o objetivo de oferecer materiais de qualidade para a divulgação da música local – tanto para o público como para produtores externos e editais.

Foto Nicolas Pedroso Salazar



Foto Veridiane Parize



Foto José Tramontin



Com uma edição fixa por mês (julho a novembro), o projeto recebeu nove bandas no auditório B do Cine-Teatro Ópera: Gafanhoto & PG Town, Circuito Absoluto, Banda Casa Cantante, Brother Soul, Alexandre Mello Trio, Cadillac Dinossauros, Coronha de Marfim, Mariwô e Solana Dub. A música autoral pontagrossense esteve muito bem representada, comprovando o bom momento pelo qual passa o cenário local e a multiplicidade de sons produzidos na cidade. A temporada teve a participação de 40 músicos e 17 profissionais de bastidores (técnicos, cinegrafistas, editores, produtores e fotógrafos), movimentando assim o mercado audiovisual.

A opção pelo ingresso solidário rendeu dezenas de quilos de alimentos não perecíveis, que foram repassados para a Fundação Municipal de Assistência Social (FASPG) fazer a doação a famílias carentes da cidade. Música e solidariedade caminhando juntas. A temporada 2019 do Palco B teve o apoio da Rede Massa, Portal aRede, Diário dos Campos, Revista D'Pontaponta, Rádio Cescage, Cultura Plural, Estúdio Jardim Piralinda, Under Lab, Estúdio Barone e Sanepar, além do patrocínio do Botequim da XV.

As produções podem ser conferidas nas redes sociais e no canal do youtube da Fluencia Cultural.

Foto
Cássio Vinicius dos
Santos

Qual e o tamanho do Fenata?

A grandeza do festival de teatro ponta-grossense pode passar despercebida.

No dia 07 de novembro de 1973, o Auditório da Reitoria da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) estava lotado para ouvir as palavras do reitor Álvaro Augusto da Cunha Rocha.

Na semana em questão, especificamente entre 03 e 10 daquele mês, acontecia a primeira edição do Fenata. Álvaro não sabia a importância que o festival teria nas décadas seguintes, mas de certa forma entendeu sua importância.

A UEPG acabara de ser reconhecida como Universidade pelo Conselho Federal de Educação. As palavras do reitor, então, afirmavam que, de certo modo, “a Universidade Estadual de Ponta Grossa nasceu, institucionalmente, sob o signo do Teatro”. Graças ao Fenata.

O festival mais tradicional

A prova da importância do Fenata está no número de participantes que já passaram pelos palcos do evento. Ao todo, mais de 1500 grupos já se apresentaram no mês de novembro em Ponta Grossa, com as mais diversas encenações possíveis e dentro das mais variadas escolas teatrais e gêneros dramáticos.

O Fenata é, atualmente, o mais antigo festival de teatro do Brasil, acontecendo de maneira ininterrupta desde 1973. Dada a importância, o evento reúne profissionais e grupos teatrais de todo o país, apresentando-se em categorias competitivas e não-competitivas.

A partir desse vislumbre do evento, percebemos que só o encontro de grupos teatrais é um objetivo pequeno para o tamanho do Fenata. Por isso, a UEPG sempre deixou claro que, anualmente, também objetiva-se a promoção do debate sobre a arte, a pesquisa e o desenvolvimento dos profissionais do teatro no Brasil. Como fim último, o Fenata amplia as discussões sobre a realização artística teatral e os desdobramentos sócio-políticos e culturais.

Em 2019 aconteceu a 47ª edição. Foram 99 espetáculos, que envolveram, ao todo, 112 atores e 52 técnicos. Os artistas e o público dispuseram de espaços públicos, praças e ruas, além de 80 escolas e instituições. Foram cerca de 20 mil pessoas que acompanharam peças diversas ao longo de 5 dias de apresentações.





Fotos
Luciane Navarro

Qual o tamanho do Fenata? Grande o bastante para caber eternamente na memória do teatro brasileiro.

Paixão em cena

Heloísa Frehse Pereira é quem está por trás do Centro de Estudos Cênicos Integrados, o CECI. A escola de teatro foi a pioneira em aulas particulares nos Campos Gerais.

Ex-bancária, Heloísa decidiu, em 2013, pôr em prática sua paixão. Saiu do banco em que trabalhava e criou uma escola de teatro.

Em outubro deste ano, no Fenata, veio um importante reconhecimento.

Em consideração aos serviços de formação prestados a Ponta Grossa, o júri concedeu um prêmio especial ao CECI.

Conversamos com Heloísa para conhecer mais o trabalho do CECI e a fonte de inspiração para este longo trabalho.

Além das aulas de teatro, O CECI tem uma atuação abrangente em Ponta Grossa, com apresentações e projetos.

Trabalhamos com muita coisa. Para você ter uma ideia, somos a primeira escola dos Campos Gerais. Fundei o CECI em 2013. Dia 25 de abril de 2013.

Até 2004 eu era bancária, mas na primeira “loucura”, digamos assim entre aspas, eu pedi a conta do Banco do Brasil. Os filhos já estavam criados, e eu sabia que precisava fazer algo que não fosse relacionado ao trabalho no banco.



Além das aulas de teatro, O CECI tem uma atuação abrangente em Ponta Grossa, com apresentações e projetos.

Trabalhamos com muita coisa. Para você ter uma ideia, somos a primeira escola dos Campos Gerais. Fundei o CECI em 2013. Dia 25 de abril de 2013.

Até 2004 eu era bancária, mas na primeira “loucura”, digamos assim entre aspas, eu pedi a conta do Banco do Brasil. Os filhos já estavam criados, e eu sabia que precisava fazer algo que não fosse relacionado ao trabalho no banco.

Sua história com o teatro já existia?

Lá atrás nas primeiras edições do Fenata, quando ainda era no Instituto de Educação, montamos uma peça, sem nenhuma fala, e a representamos, “Tudo Foi Feito pelo Sol”, dos Mutantes. Eu tinha 14 para 15 anos. Meu pai foi assistir e disse que teatro não dá... aquela coisa que a gente ouve até hoje. Na época pensei “tudo bem”. Passou, segui a vida, casei, fui uma pessoa normal.

Em 2004 pedi a conta do banco e comecei a fazer teatro. Naquela época surgiu uma oportunidade em um grupo que precisava de alguém com minha idade. Uma colega que fazia parte me perguntou se eu não

queria ir, e eu fui. Fizemos uma peça de Eurípedes e depois encenamos a “Farsa de Inês Pereira”. De repente percebi a necessidade de estudar, porque eu tinha que aprender teatro. Então fiz o curso técnico que existia, do Senador Correia.

E aí foi se tornando um trabalho?

Sim. Surgiu um curso no núcleo de teatro da Universidade, onde tive professores maravilhosos. Depois de terminar, comecei a trabalhar em 2008 como voluntária em um grupo de cegos, da UNIDEV [União dos Deficientes Visuais], que acontecia no Mercado Municipal. Mas nunca imaginava que faria a escola. Levamos a peça para São Paulo, para Duque de Caxias, onde ganhamos troféus.

A ideia da escola surgiu quando?

Quando me tornei atriz, em 2010, eu continuava trabalhando com eles, e pude implantar teatro na APAM [Associação Promoção à Menina]. De repente pensei: “o teatro é um instrumento transformador, o que mais posso fazer?”. Eu já era atriz, trabalhava no Fenata, fazia muitas coisas, mas sentia a necessidade de oportunizar o teatro para outras pessoas. Aí decidi abrir a escola.

Mas pensava “onde? como?”. O que eu fiz? Abri em casa mesmo. Fiquei

5 anos morando em frente com meu marido, queria ver como seria isso. Entrei em contato com a escola de teatro Cena Hum, de Curitiba, e fiz com eles uma chancela. Eu abri o espaço, e os professores vinham de lá, para que eu pudesse administrar do meu jeito.

Agora eu sou microempreendedora, aqui é independente, sem dinheiro de fora, a administração é própria. Vendi o apartamento para montá-lo, pelo amor e pela arte! É uma escola particular, mas eu tenho sempre 36% de alunos para quem dou bolsa: crianças, adolescentes e adultos. Quando percebo que a pessoa tem interesse e vontade, eu disponibilizo uma bolsa. Tem alguns que já estão em grupos de teatro, e eu abri espaço. Como tem crianças que entraram pequenos. Um exemplo é o projeto do Jornal da Manhã “Vamos Ler”, no qual eu fazia intermediações no Ópera, onde passavam filmes para as crianças. Eu disse para a coordenadora escolher umas 4 crianças fiéis ao projeto para eu dar bolsa. Dessas crianças, 3 continuam aqui, e inclusive apresentaram Hamlet, que apresentamos agora no Fenata.

Os detalhes são fundamentais, ainda mais sobre os projetos.

Tenho muitas parcerias, sem vínculo econômico com ninguém. A não ser, por exemplo, com os [Irmãos] Cavanis, que é a segunda vez que eu faço. Na primeira vez que fiz o HSBC pagava os professores, mas acabou e eu fiquei mais dois meses custeando por minha conta, dando aula para as crianças. Hoje o estado paga o necessário, como uma ajuda de custo, mas, por exemplo, os figurinos são meus, se não o projeto não aconteceria. O restante dos projetos são feitos com os recursos daqui. Eu mesmo administro, faço a contabilidade, eu vou, ajeito...

Quantas turmas se apresentam, e como você organiza as peças que serão apresentadas?

São 7 turmas. Serão 8 apresentações agora porque tem o grupo da UNIDDEV aqui, que é do CECI, mas mantenho o nome. Não tenho vínculo direto com a associação, mas tenho carinho enorme, e mantenho o nome porque é uma essência que não acho justo perder.

Eu gosto de ter uma relação com as pessoas da peça porque para mim o espaço não é para ganhar dinheiro. Geralmente as peças que acontecem são parcerias com grupos nos quais acredito.

Nossos cursos são de 60 horas, em um semestre que acaba com uma apresentação no CECI em Cena. Objetivamos, principalmente, a pessoa estar atuando com a segurança e no tempo dela. E todo mundo tem seu potencial, o seu tempo e o ponto perfeito do seu momento. É nisso que a gente foca. Eu tenho alunos que estão aqui desde que o CECI abriu, que se tornaram adultos e continuam fazendo. Pais de alunos também.

Há uma conexão com a escola.

Eu tinha criado o CECI em Cena, por exemplo, um nome forte, e agora o CECI Reencena, pois estamos reencenando algumas peças do CECI em Cena. Por exemplo, a peça "A poesia na varanda" foi feita primeiramente com outros alunos, lá no começo. Dentro do processo de pesquisa e edição que fazemos, pensamos "nossa que vontade de remontar", e remontamos, como fim desse processo.

Então convidamos os atores que fizeram anteriormente para virem. Eles vêm e é uma emoção! É a reencenação de um texto que é nosso, que nasceu aqui e funcionou muito bem, e que os próprios alunos pedem. Então, eu estou assumindo que estou reencenando.

E se tá reencenando é que tem sucesso, é porque marcou.

Sim. Por isso adquiri um depósito antigo ali, e ficou uma estrutura superlegal e prática, e satisfaz a necessidade do CECI. Chegou um momento em que estavam reformando o Centro de Cultura, e o Ópera não tinha espaço para eu alugar, além de que eu não conseguiria manter o valor. Então a UEPG concedeu espaço para eu fazer minhas peças lá, porque eles acreditam no trabalho. Foi maravilhoso. Por isso tenho carinho pela UEPG. Mas eu tinha que ter meu espaço, para ter mais dinamismo e liberdade de criação. Os pais deixam os filhos aqui e sabem que é um lugar seguro.

No teatro, trabalha-se com pessoas, o contato humano é frequente, por isso é importante se sentir bem. O reconhecimento do Fenata é uma demonstração disso?

É, recebemos um prêmio especial, para formadores de profissionais. Eu trabalho pensando na parte social. Eu penso assim: se todas as empresas fizessem, dentro das possibilidades delas, a parte social, sem ser uma obrigação, o mundo seria diferente. Então faço, dentro das minhas possibilidades, sem fazer disso o carro-chefe. É como uma troca de energia positiva. É uma satisfação. Volta e meia uma escola liga pedindo para vir aqui. Eu digo para virem para fazer uma atividade.

Eu passo para os alunos a importância de gostar de si mesmo. Ninguém gosta mais de nós do que nós mesmos, e não podemos pôr na responsabilidade do outro a nossa infelicidade. Problemas todos têm, mas vamos nos valorizar. Eu digo para os alunos: o valor não é monetário, o monetário é parte da vida, sim, mas o valor verdadeiro é sentir, ter a cabeça erguida onde você for. Assim você vai deixar algo de bom.

Eu digo que o meu maior sonho de consumo é que, mais tarde, eu tenha uma sobra financeira para investir e ter uma turma só com bolsistas. Vai acontecer se Deus quiser. Por enquanto, todas as turmas têm pagantes porque a turma tem que acontecer.

Além da arte, o objetivo do CECI é?

Incrementar noções de ética, de companheirismo, de organização, respeito ao outro, através do convívio dos cursos. Valorizando mais do que o ator, mas o ser humano. Por isso tenho aluno de 5 anos de idade, porque os pais os deixam aqui para se desenvolverem culturalmente. Isso tudo porque temos profissionais supercompetentes, e faço questão de ter comigo pessoas com o mesmo objetivo. Que seja o profissionalismo com amor. Faço questão de deixar uma marca através da qualidade, pois eu digo que o teatro pode ser feito em qualquer lugar, mas não de qualquer jeito. É isso aí.



Fotos
Luciane Navarro

Procura-se cronistas talentosos

As Crônicas dos Campos Gerais busca promover a divulgação de crônicas que lançam um olhar para a vida regional e assuntos curiosos do local.

Mário Sérgio de Melo, professor aposentado do Departamento de Geociências da UEPG, é o organizador do projeto Crônicas dos Campos Gerais. Ele pertence à Academia de Letras dos Campos Gerais (ALCG), que junto com outros apoiadores irão promover o concurso.

“A gente pretende fazer a edição de um livro, um lançamento e um encontro dos autores que colocaram as crônicas no projeto. Esperamos criar um momento literário”, diz Mário Sérgio.

Uma crônica é um relato curto de situações corriqueiras, sejam reais ou fictícias. Normalmente o texto é criado em uma sequência cronológica. Com isso, os organizadores buscam reforçar a cultura regional, a identidade e a autoestima da população dos Campos Gerais.

Para Melo, o projeto tem em vista evidenciar a grandeza da cultura regional. “Como geólogo percorri muito as regiões dos campos Gerais. E encontramos uma população regional que conta histórias muito interessantes. É uma cultura regional muito rica. Esperamos então que o projeto estimule estas pessoas”, afirma.

VEJA COMO PARTICIPAR

Tanto **moradores como visitantes dos Campos Gerais** podem participar do concurso, desde que tenham **mais de dezesseis anos**. O assunto precisa tratar necessariamente das cidades e do ambiente rural dos Campos Gerais do Paraná.

A crônica pode ter até dois mil e quinhentos caracteres, e deve ser enviada em formato “Doc.” para cronicascamposgerais@gmail.com a partir de 1 de novembro.

O OBJETIVO

O objetivo principal do concurso é revelar talentos literários, mas também motivar encontros e oficinas literárias, bem como fortalecer as raízes e a noção de identidade e autoestima regional. Com o projeto, busca-se divulgar e aprofundar tanto a cultura popular como erudita regional.

AVALIÇÃO

As crônicas devem ser inéditas e totalmente autorais, ou seja, o inscrito precisa assumir a responsabilidade pela autenticidade da autoria. Os textos devem estar em Windows, Arial 12, espaçamento duplo, em A4 com margem 2,0cm. A linguagem deve ser coloquial, e sem termos chulos ou desrespeitosos.

Uma comissão julgadora, com membros da ALCG, irá avaliar as crônicas enviadas com base em critérios específicos, e as vencedoras serão divulgadas na mídia. O projeto busca publicar as crônicas em um livro que será editado no final do projeto, dependendo da viabilidade.

O REGULAMENTO
COMPLETO ESTA NO SITE
WWW.CRONICASCAMPOSGERAIS.BLOGSPOT.COM.

A mesa redonda dos quadrinhos

Grupo de discussão sobre quadrinhos se reúne mensalmente na UEPG para abordar obras renomadas

No dia 30 de outubro um grupo de leitores se reunia na Biblioteca da UEPG do Campus Uvaranas para tratar um assunto literário não muito ortodoxo, mas ainda assim muito interessante: a genealogia do Hip Hop. A base para o debate era a História em Quadrinho “Hip Hop Genealogia”, do autor Ed Piskor. A obra conta como surgiu o famoso gênero artístico nos anos 70, em Nova York.

O grupo de leitores forma um curso de extensão da UEPG, vinculado ao Cultura Plural, site ligado ao

departamento de Jornalismo da universidade. O projeto saiu de uma parceria entre a UEPG e a editora paulistana Veneta.

Um dos diferenciais do encontro é seu formato, que se resume a um bate-papo, e não uma palestra como comumente acontece.

Já é o terceiro ano do Clube de Leitura, com coordenação de Ben-Hur Demeneck, professor e jornalista. A editora Veneta disponibiliza as HQs para a discussão, e mais tarde elas passam a fazer parte do acervo da UEPG.



Veja como participar

Todos os interessados podem participar do encontro, e os estudantes da universidade que frequentarem regularmente podem receber carga horária para o cumprimento de horas. Não é preciso realizar uma inscrição prévia, basta ir ao dia do evento.

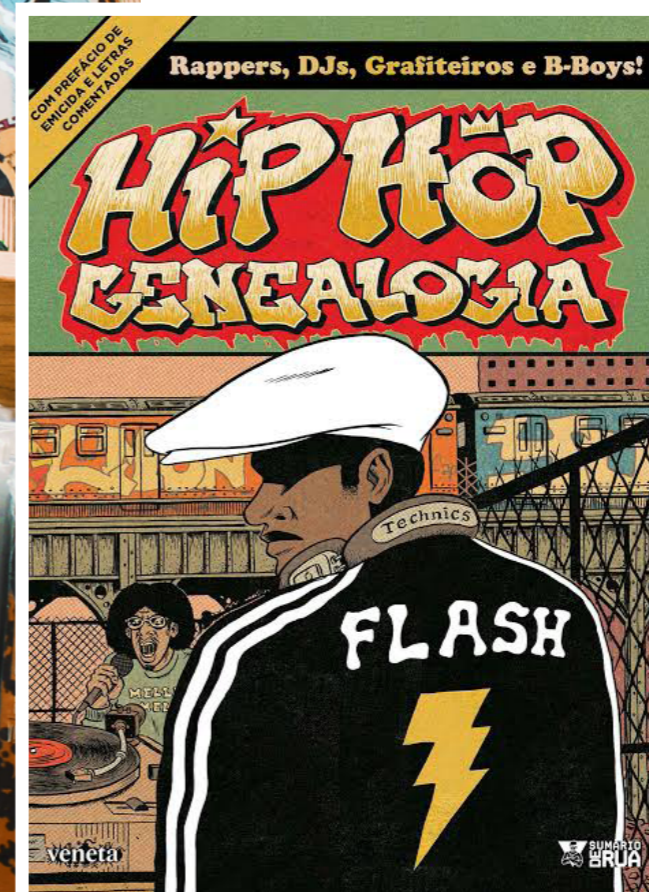
A página no Facebook Clube de Humor e Quadrinhos Barão de Itararé traz mais informações sobre os debates.

Ocorrido mensalmente, o debate levou à mesa de discussão a HQ Estudante de Medicina, de Cynthia em novembro, e em dezembro a graphic novel Autocracia, de Woodrow Phoenix.

Para os interessados em Hip Hop Genealogia

Indicado ao prêmio mais importante de quadrinhos, o Eisner Awards, Hip Hop Genealogia faz um histórico do surgimento de expressões modernas como rap, graffiti e break. A HQ passa pelo surgimento do fenômeno Afrika Bambaataa, as block parties de Kool Herc, a teoria da mixagem de Grandmaster Flash e o início da gravadora Sugar Hill Records.

A HQ enche os olhos de quem é apaixonado pelo estilo. O rapper Emicida, por exemplo, disse que a obra é um “é um trabalho minucioso, de precisão cirúrgica, feito com o amor e o talento que só um fã autêntico é capaz de dedicar ao objeto de sua admiração”. Em suma, indispensável para o ouvinte de hip hop.





2ª Parada LGBTQ+ dos Campos Gerais celebra o amor e luta por igualdade

Por Mayara Pontes

Roupas coloridas e vibrantes, maquiagens cheias de brilho e até mesmo os mais monocromáticos, traziam consigo um tom para reforçar a representatividade que a bandeira arco-íris LGBTQ+ simboliza para a comunidade. A bandeira era exibida a todo momento, como símbolo de paz e diversidade, sempre posta em lugar de destaque, “abraçadas” as costas de alguém como uma proteção ou até mesmo, sendo usadas como uma capa de super-herói.

Foi com esse cenário que se deu início a 2ª Parada Cultural LGBTQ+ dos Campos Gerais. Na praça Barão do Rio Branco a concentração

começou aos poucos a ganhar forma, o pequeno grupo de pessoas foi aumentando, o espaço em frente a Concha Acústica ficou pequeno.

Logo, cartazes contendo mensagens pedindo amor, empatia e principalmente respeito nasceram sobre tintas.

Performances de Drag Queens e canção com dedicatória romântica, foram algumas das atrações iniciais. A multidão colorida percorreu a Avenida Vicente Machado, sorrisos e danças contrastaram com palavras de manifesto: “eu beijo homem, beijo mulher, tenho o direito de beijar quem eu quiser”. Críticas ao atual

governo, unidas em uma única voz, também foram expressadas no decorrer da marcha.

Recepcionados ao som de Born this way, canção da intérprete Lady Gaga, a marcha se findou no pavilhão da Feira do Produtor. Ao palco subiram profissionais da educação que contribuíram para o combate a homofobia e representantes do município, como a vice-prefeita de Ponta Grossa Elizabeth Schmidt, que enfatizou a importância da luta feminina e o combate à discriminação no ambiente de trabalho.



Para um dos organizadores do evento, Guilherme Portela a execução da segunda Parada Cultural LGBTQ+ cresceu em relação ao ano passado. “Foi muito maior, muito mais amplo e responsável que no ano passado, o que fez com que a gente pudesse construir uma Parada LGBTQ+ com uma estrutura muito maior, então como nosso evento é feito principalmente com muita

responsabilidade”, afirmou.

Portela também destacou a importância da conversa com os patrocinadores e como as pessoas tem aderido ao movimento. “Dialogar com os nossos parceiros que ajudaram a financiar o nosso evento, que colaboraram de alguma maneira, fez com que eles acreditassem muito mais em nós, na nossa luta, em tudo aquilo que queremos construir para cidade de

“ VIVA O AMOR ”

Ponta Grossa. Então nesse ano não posso dizer que a gente encontrou dificuldades em organizar a Parada, muito pelo contrário”, finalizou. A Drag Queen Angel, ressaltou a visibilidade e a relevância do evento para a sociedade pontagrossense: “mostrar que a gente existe, que somos fortes e que resistimos, mostrar que tem gente diferente e que todos podem ser felizes do jeito que são”.

O evento seguiu até o começo da noite, contando com a participação de alguns artistas locais para o encerramento.



Direitos autorais para artistas criativos

Na primeira de duas partes, entrevistamos a advogada Samaira Siqueira especialista em propriedade intelectual, que fala um pouco sobre sua carreira e desvenda um pouco esse complexo mundo dos direitos autorais.

Fale um pouco sobre sua profissão, o que você faz e como entrou nessa área?

Sou advogada, mestre e doutoranda em Propriedade Intelectual e Inovação pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), e tenho uma empresa que atua nessa área, Lummiê Propriedade Intelectual, em Ponta Grossa.

Comecei fazendo iniciação científica durante a graduação em Direito na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em uma temática que envolvia propriedade intelectual. O objetivo da minha pesquisa era descobrir como depositar patentes envolvendo patrimônio genético nacional. Ao concluir, uma legislação alterou a regulamentação do tema, logo, senti necessidade de seguir estudando, e fiz meu TCC sobre a nova lei. Quanto mais estudava, mais me apaixonava pela área, por isso decidi cursar o mestrado e atualmente estou no doutorado.

Como é ser uma mulher nesse território em que atua?

É difícil... Por se tratar de uma área interdisciplinar por si só, já é complicado, agora pelo fato de ser mulher, jovem, ter uma empresa e atuar sozinha, tudo fica mais difícil. Porém, busco sempre me posicionar de forma profissional, mostrando o diferencial da minha formação, os grupos de pesquisa que faço parte, minha experiência profissional... para conquistar respeito e credibilidade dos meus clientes.

O que é uma patente? Qual a diferença entre direitos autorais?

Patente é um título de propriedade temporária sobre uma invenção ou modelo de utilidade, outorgado pelo Estado aos inventores ou autores ou outras pessoas físicas ou jurídicas detentoras de direitos sobre a criação. Com este direito, o inventor ou o detentor da patente tem o direito de impedir terceiros, sem o seu consentimento, de produzir, usar, colocar a venda, vender ou importar produto objeto de sua patente e/ ou processo ou produto

obtido diretamente por processo por ele patenteado. Em contrapartida, o inventor se obriga a revelar detalhadamente todo o conteúdo técnico da matéria protegida pela patente.

Direito autoral ou direito de autor é um conjunto de prerrogativas conferidas por lei à pessoa física ou jurídica criadora da obra intelectual, para que ela possa usufruir de quaisquer benefícios morais e patrimoniais resultantes da exploração de suas criações.

Porque artistas devem se preocupar?

Os artistas devem se preocupar caso não estejam recebendo os benefícios resultantes da exploração de suas criações, ou se estas estejam sendo utilizadas indevidamente, sem os créditos devidos, por exemplo.

Como faço para registrar minhas obras? (música, visuais, literatura, cênicas).

Cumpramos ressaltar que o registro de obras autorais é facultativo, pois o direito autoral nasce com a externalização da obra. Conforme previsto no Artigo 19 da Lei 9.610/98 (Lei dos Direitos Autorais - LDA). Porém o registro é bastante útil para atuar na defesa dos interesses do autor.

O Art. 17. da Lei 5.988 de 1973, prevê que para segurança de seus direitos, o autor da obra intelectual poderá registrá-la, conforme sua natureza, na Biblioteca Nacional, na Escola de Música, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional do Cinema, ou no Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Já no § 1º, está previsto que se a obra for de natureza que comporte registro em mais de um desses órgãos, deverá ser registrada naquele com que tiver maior afinidade.

Cada registro possui requisitos e procedimentos específicos, conforme o tipo de obra.

Para um produtor de rap, como funciona o uso de sample em beats?

Para usar um trecho (samples) de uma música registrada pelo selo/ artista, precisa ter duas licenças: uma pelo uso da gravação master (que geralmente é propriedade de uma gravadora ou afim), e outra pelo uso da composição subjacente (que é de controle do publisher ou compositor do som).

Advogada
Samaira Siqueira

Parte I

Foto Leonardo Cobianki